

HOMOFOBIA: A LINHA TÊNUE QUE SEPARA HETERO DE HOMOSSEXUAL

2010

Valdeci Gonçalves da Silva

Psicólogo. Professor Titular de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutorando em Psicologia Clínica na Universidade de Évora-PT. Especialista em Metodologia do Ensino de 3º grau. Mestre em Sociologia da Sexualidade.

E-mail:

valdecipsi@hotmail.com

RESUMO

O presente ensaio trata da Homofobia, medo mórbido que se manifesta por meio da rejeição, da perseguição e do ódio contra os homossexuais. Embora traga muito sofrimento para suas vítimas, a homofobia ainda está fortemente presente na maior parte do dito mundo pós-moderno, e perpassa séculos. Em sociedades intituladas democráticas, parece um contrassenso que cidadãos, devido à sua condição sexual divergente, sofram todo tipo de violência, da simbólica à violência física extrema ou até a morte. Mas, o sujeito homofóbico também sofre com esse sentimento, pois julga que qualquer interação com homossexual pode comprometer sua insegura conduta heterossexual. Sem compreender as razões que motivam seu estado homofóbico, não somente o encara como natural, mas também se autoriza, de qualquer maneira, a banir do seu entorno todo indivíduo que o remeta à imagem dessa inquietação. Por sua vez, os próprios homossexuais, de modo enviesado, também absorvem a discriminação e a disseminam a intolerância nos seus grupos de pares, em especial, contra os homossexuais com “visibilidade do estigma”, ou seja, efeminados.

Palavras-chave: Homofobia, homossexual, violência, sofrimento, efeminado

“A Força Aérea me condecorou por matar dois homens no Vietnã e me expulsou por amar um” (LEONARDO MATLOVICH, soldado da Força Aérea Americana).

O francês Guy Hocquengheim (*apud* MOTT, 1993, p.77) disse: “O buraco do meu cu é revolucionário”. A força transgressora dessa afirmativa talvez esteja no fato de que desloca uma característica política, revolução, para outro lugar: um órgão de descarga, cuja função apenas fisiológica, para o senso comum, inscreve a conduta do ser macho. E essa questão, de maneira subjacente ou explícita, perpassa a construção da identidade masculina. A não erotização anal e a vigilância contra a delicadeza são, desde tenra idade, incutidas no menino, como obrigatoriedade para se reconhecer macho, isso porque, neste imaginário são consideradas como marcas da masculinidade preservada.

A Homofobia é conceituada como preconceito contra os homossexuais, ódio aos homossexuais, muitas vezes levando à violência física (MICHAELIS, 1998). Porém, a homofobia só passou a existir a partir do conceito de homossexualidade, criado em 1869, pelo médico húngaro, Karoly Maria Benkert¹. A homofobia é um fenômeno de dimensão quase universal que se perpetua ao longo dos séculos. Assim, autorreconhecer-se homossexual sugere ser dramático e revolucionário tanto quanto a sua vivência homoerótica sob o espectro da atuação homofóbica. No Brasil, por exemplo, onde se realiza a maior passeata gay do planeta, é também o país campeão mundial em assassinatos de homossexuais (MOTT e CERQUEIRA *apud* CARRARA; VIANNA, 2004).

Segundo Deleuze (2004), os interesses somente serão revolucionários quando desejo e máquina não se torna única e se voltam contra os chamados dados naturais da sociedade capitalista, e a transgressão é a função sustentada pelos homossexuais nas mais variadas inversões de papéis (TOURAINÉ, 2007). Mas não se constitui em uma tarefa muito fácil renunciar a representação de si com promessas grandiosas que, durante anos, lhe serviram de modelo (NOLASCO, 1986). A constituição de si mesmo a partir de uma identidade desqualificada, recusada em relação à família e à inserção social, por vezes, pode ocasionar melancolia no luto interminável pelo “objeto heterossexual” (BUTLER e ERIBON *apud* PAIVA, 2007 - grifo do autor).

O homossexual coloca a masculinidade em questão e como insustentável, assim, instaura dúvida que abre espaço para a diferença e se constitui em signo de contradição para a normalidade, um desejo enquanto devir como afirmação de uma identidade itinerante (TREVISAN, 2002). Contudo, o homossexual que se expressa com gestuais mais femininos também sofre discriminação na própria comunidade gay (FISCHER, 2008).

Para Lipovetsky (2005), a cultura do *feeling* e da emancipação individual é estendida a todas as categorias de idade e de sexo. Mas essa mudança suscita contradição, a exemplo da prática “passiva”² que está fortemente associada à “visibilidade do estigma”³(efeminado), e o homossexual é alojado no território do marginal, do desvio, do estrangeiro (PAIVA, 2007). Esse diferente, forasteiro ou estrangeiro, representa ameaça (WOODWARD, 2005), não é um “estranho” ou recém-chegado, mas um eterno nômade errante e sem esperança de chegar, situado entre a ordem e o caos, dentro e fora (BAUMAN, 1999). Portanto, “os gays não podem assumir a posição de sujeito falante no interior do sistema linguístico da heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2003. p.168). Uma vez que, precisa-se de um verdadeiro sexo, bem definido, sem ambiguidade que remeta às incertezas ou conste em complicações sociais (FOUCAULT, 1985, 1990).

A nova ideologia depois da substituição do rótulo homossexual por gay propaga que os gays, antes de tudo, são homens, e que a preferência homoerótica não reduz sua masculinidade (GAGNON, 2006). Afinal, “o gay é para o hetero não o que uma cópia é para o original, mas, em vez disso, o que uma cópia é para uma cópia” (BUTLER, 2003, p.57). No entanto, a masculinidade atrelada à virgindade anal parece ser tabu na maior parte do mundo, e mais acentuado nos países de cultura machista. Em razão disso, a retirada da homossexualidade da categoria das doenças pela Associação Psiquiátrica Americana, em 1980⁴, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1983, e pelos Conselhos Federais brasileiros de Medicina e de Psicologia, em 1985 (NETO *et al.*, 2010), quase não teve efeito prático, não foi apropriada pela academia, e em pleno século XXI, caracterizado pela inclusão e pela diversidade, mantém-se a homofobia ou o ranço homofóbico.

A discriminação ao homossexual de tão banalizada se incorporou de tal modo no meio social que soa estranho questioná-la. É pertinente saber os porquês de uma conduta sexual gerar tanto medo e desvalorização do sujeito com esse signo. No entender de Silva (2005), signo é um sinal, uma marca, um traço que está no lugar de outra coisa, porém não carrega sempre apenas traços daquilo que substitui, mas também o que ele não é, ou seja, precisamente a diferença. Embora bissexual e homossexual se permitam à prática sexual “passiva”, no entanto, é sobre o homossexual com “visibilidade do estigma” que “[...] pesa o estigma da virilidade perdida” (TREVISAN, 2002, p. 468), Em vista disso, é “colocado em patamar inferior ao feminino da mulher” (SEFFNER, 2003, p.126), ou remetido à condição de animal depreciado, por meio da qual o entorno se autoriza insultá-lo de bicha, viado, etc., no Brasil, e, paneleiro, rôto, etc., em Portugal.

De certo, o fim das discriminações legais é bem menor do que as reais, sobretudo no processo de seleção para emprego e no local de trabalho, e os homossexuais jovens mais do que os outros experimentam depressões e tentativas de suicídio (BOZON, 2004). Na ótica de Guattari (1993), toda singularização é um devir diferencial que se recusa à subjetivação capitalística. Portanto, cabe ao indivíduo vivenciar a singularidade da própria sexualidade.

Embora a discriminação traga grande sofrimento para suas vítimas, o tema homofobia ainda encontra resistência no meio acadêmico, esse medo mórbido em relação à homossexualidade ainda está muito presente na maior parte do dito mundo pós-moderno. O incômodo ou mal-estar homofóbico se manifesta por meio da rejeição, da perseguição e do ódio. Em sociedades que se intitulam democráticas, parece um contra senso que cidadãos ainda sejam vítimas, por causa da sua condição sexual divergente, da violência simbólica, da violência física extrema ou até de morte. À ciência não cabe alimentar preconceito travando o campo de conhecimento. Do contrário, sua função é expandir as possibilidades para que as sociedades, a partir das suas descobertas, vislumbrem atitudes menos norteadas pelos tabus religiosos, sexuais e culturais, e mais orientadas pelos saberes que passaram pelo rigor do seu crivo científico.

Finalmente, de alguma maneira, o sujeito homofóbico também sofre porque não sabe lidar com esse sentimento, julga que qualquer interação social com homossexual pode pôr em risco sua reputação ou a sua insegura conduta heterossexual. Sem compreender as razões que motiva sua homofobia, não somente a encara como natural, mas também se autorizar, de modo perverso, abertamente ou em surdina, a banir do entorno o homossexual, com “visibilidade do estigma” (efeminado), estímulo desse seu medo mórbido. Por sua vez, os próprios homossexuais, de modo enviesado, também absorvem a discriminação e, de alguma forma, disseminam a intolerância nos seus grupos de pares, sobretudo contra os homossexuais mais afetados. Isto é, os aspectos subjetivos e simbólicos fomentadores da homofobia no contexto da heterossexualidade também estão nas dobras do universo homoerótico, no qual os atores sociais com essa mesma conduta sexual divergente repassam a discriminação, digamos que, de “segunda ordem”.

NOTAS:

- 1) Há controvérsias sobre a profissão, sobrenome e nacionalidade de Benkert, para Green (2000) ele era um escritor vienense, e para Mott (2003) era o jornalista e advogado Kertbeny, que usava o pseudônimo de Dr. Benkert.
- 2) Para Schafer (*apud* GRANÃ, 1996), a depender do ângulo de percepção, comportamento passivo ou ativo é semelhante a decidir se um copo com água até a metade está meio cheio ou meio vazio. Por esse motivo é preferível o uso desse termo entre aspas.
- 3) Expressão de Goffman (1988) para significar as atitudes que identificam a natureza da preferência sexual.
- 4) Bozon (2004) se refere ao ano de 1974.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARRARA, S.; VIANNA, A. R. B. “As vítimas do desejo”: os tribunais cariocas e a homossexualidade nos anos 1980. *In*: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (Orgs.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.
- FISCHER, André. **Como o mundo virou gay? Crônicas sobre a nova ordem sexual**. São Paulo: Ediouro, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. **História da sexualidade 2: uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- GAGNON, John. H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- GRANÃ, R. B. **Além do desvio sexual: teoria, clínica, cultura**. Porto alegre: Artes Médicas, 1996.
- GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade no Brasil do século XX**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- GUATTARI, Félix.; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri, São Paulo: Manole: 2005.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramento, 1998.

MOTT, Luiz. Minorias: os devires da sociedade. *In*: GUATTARI, Félix.; ROLNIK, Suely. (Orgs.). **Micropolítica**: cartografias do desejo. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NETO, José Pedro Simões *et al.* A temática da diversidade sexual no debate científico nacional. *In*: MACHADO, Maria das Dores C.; PICCOLO, F. Delvalhas. (Orgs.). **Religiões e homossexualidades**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PAIVA, A. C. Saraiva. **Reservados e invisíveis**: O ehtos íntimo das parcerias homoeróticas. Fortaleza: Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Campinas: Pontes, 2007.

SILVA, Tomas Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade**: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre. 2003. (mimeo.).

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. 4. ed. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.